

The background is a vibrant cyan color. At the top, there are two white, stylized clouds. The title 'Coqueiro Maldito' is written in a large, elegant font. 'Coqueiro' is in red script, and 'Maldito' is in black bold serif. Below the title is the subtitle 'a história, o crime, a praga.' in a smaller, brown script font. The lower half of the image features a stylized illustration of a tropical island. It has several palm trees in shades of green and blue, a cluster of houses in pink, red, and grey, and a church with a white steeple and a cross. The island is surrounded by a dark teal sea with several small boats in red, grey, and orange. The overall style is flat and modern.

# *Coqueiro* **Maldito**

*a história, o crime, a praga.*

*Leonardo Saleh*



*Coqueiro*  
**Maldito**  
*a história, o crime, a praga.*

ADAPTAÇÃO, DESENHOS, ROTEIRO E DIAGRAMAÇÃO

POR

LEONARDO SALEH



*Quando a tarde chegou ao fim , sem chuva,  
mas com o céu ainda cinzento, tinha terminado  
a saga cristianizada de Manuel da Motta Coqueiro.*

Carlos Marchi, 1998.

*Meu filho, quem não vai para o céu,  
não adianta olhar para cima.*

Dito popular sempre repetido por meu pai e  
atribuído a sua avó, Salim Saleh.





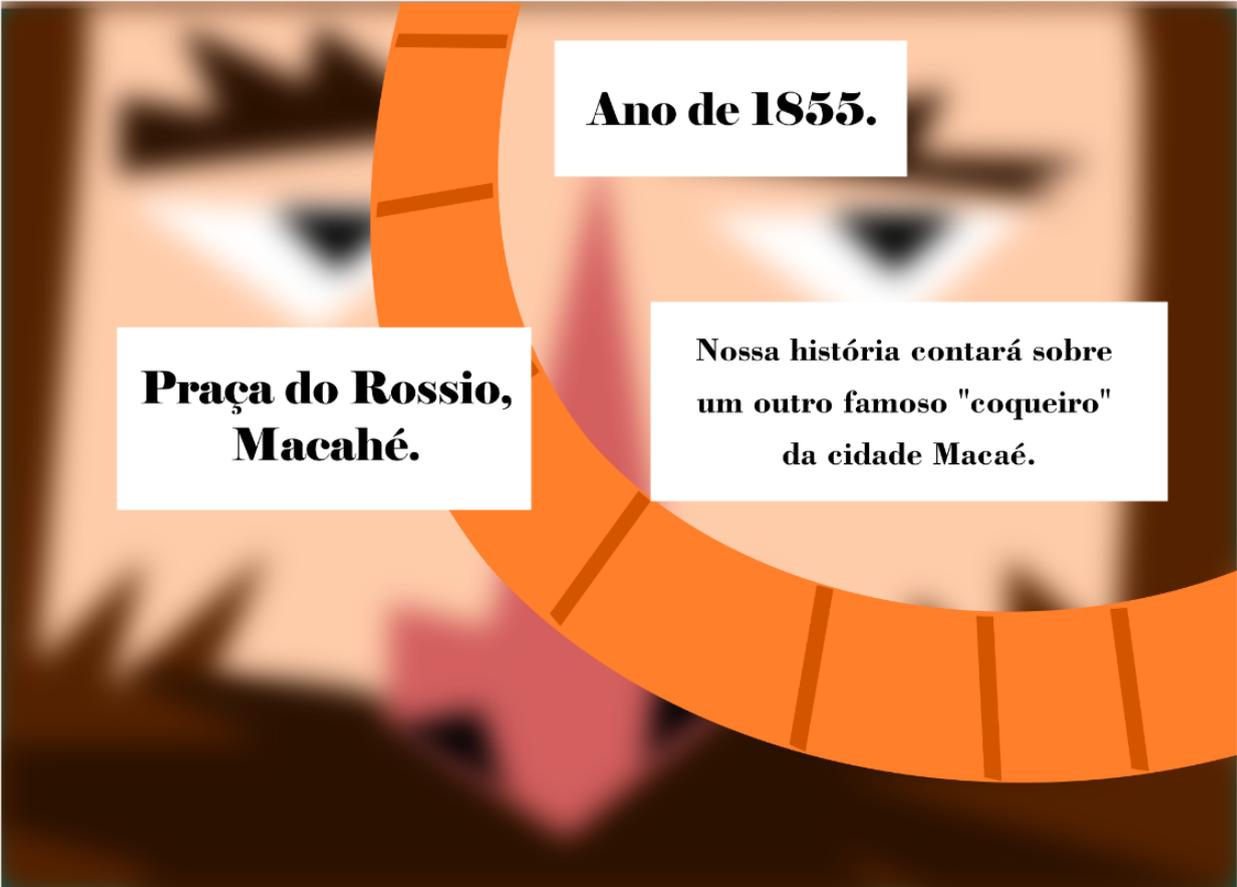
**Provavelmente, um tipo de coco deu nome à cidade onde se passa a nossa história, Macaé.**

**O coco, no folclore de muitas culturas, representa a iminência do mal.**

**Para os hindus, o coco representa a vida, sendo a casca, o corpo; sua carne branca a mente e a água, o espírito...**

**Já o coqueiro, para eles...**

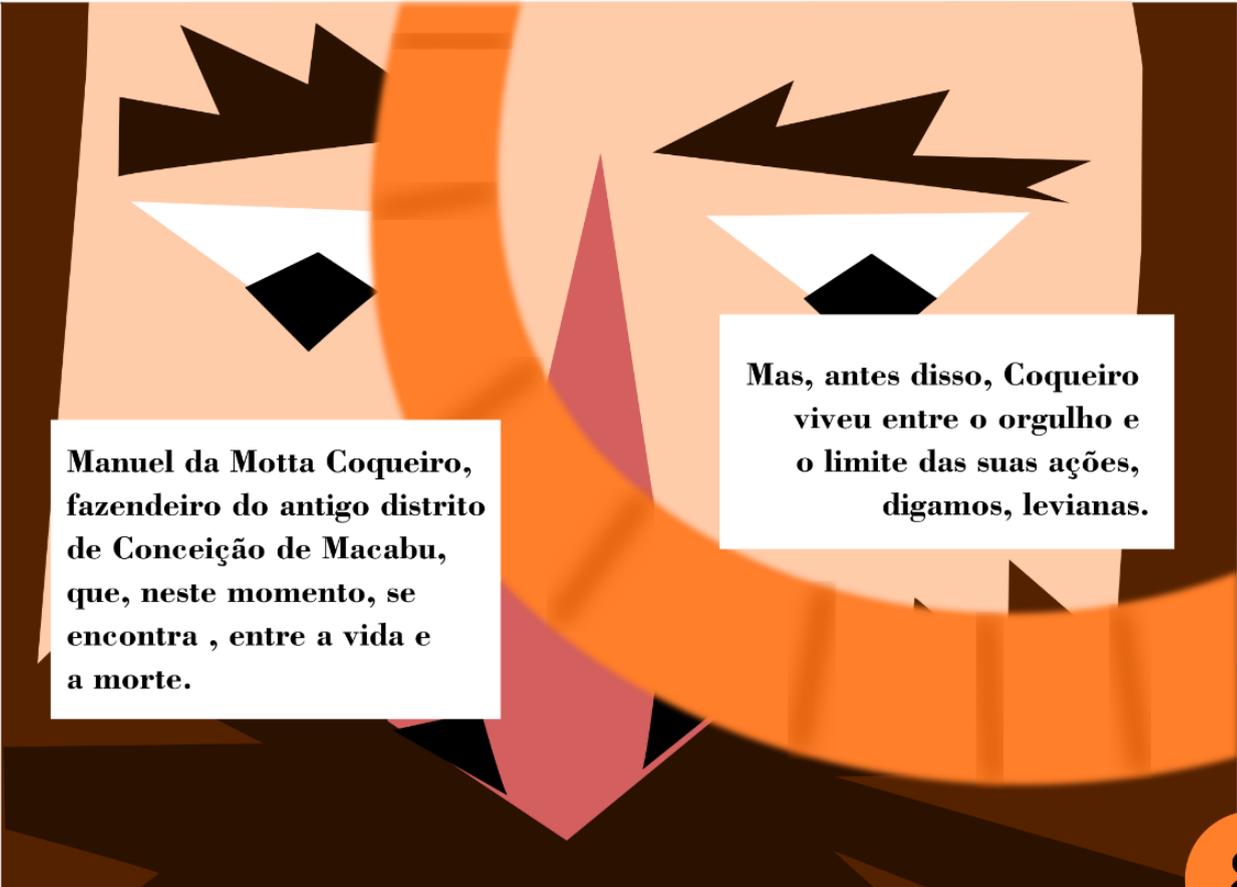
**...é a prisão que existe entre o Céu e a Terra, onde ficariam suspensas as almas que não são bem-vindas em nenhum desses lugares.**



**Ano de 1855.**

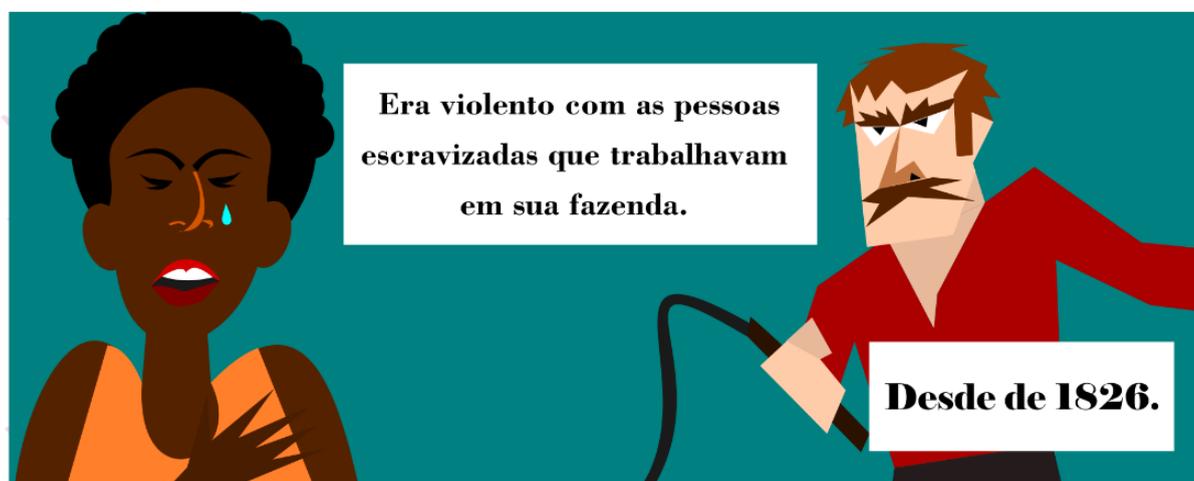
**Praça do Rossio,  
Macaé.**

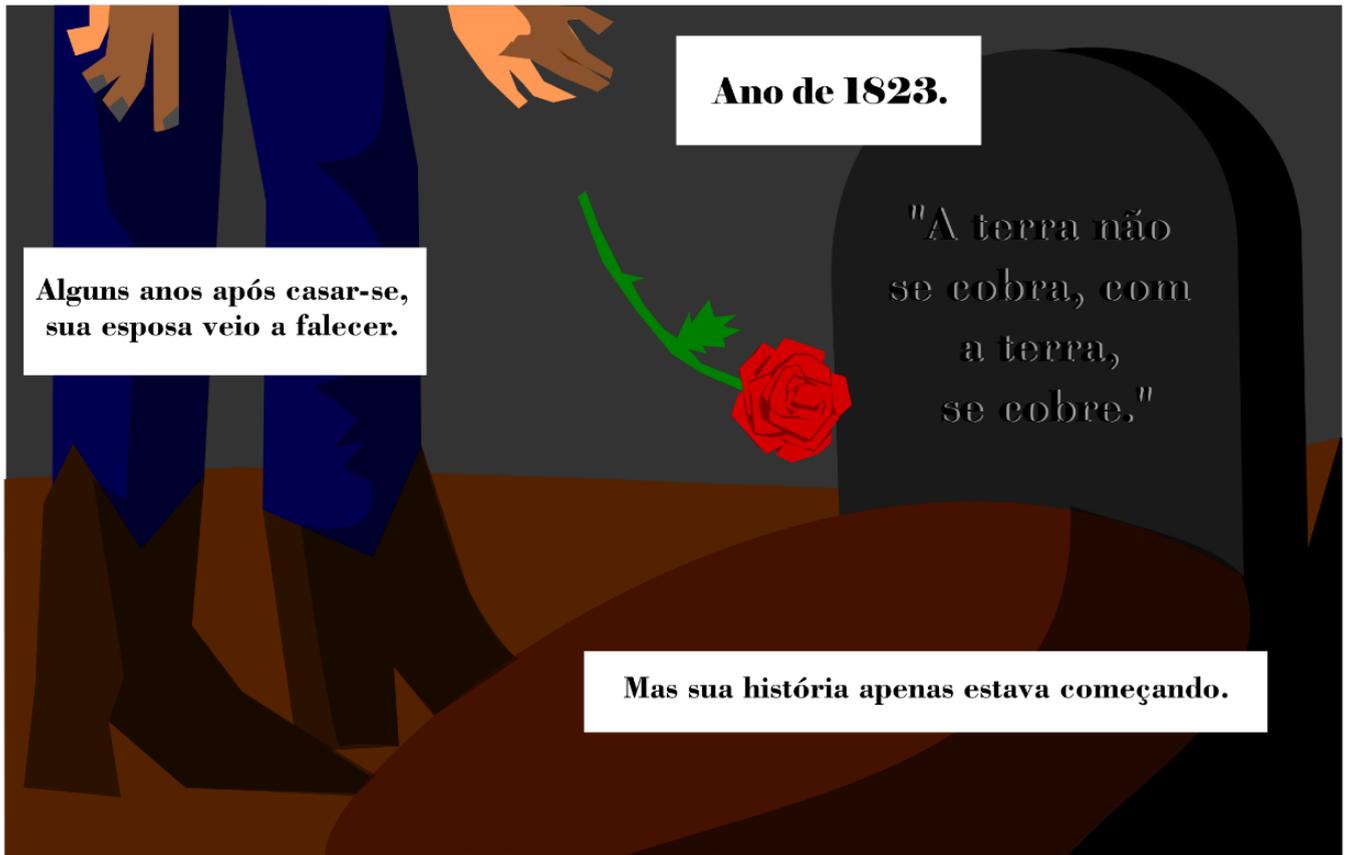
Nossa história contará sobre  
um outro famoso "coqueiro"  
da cidade Macaé.



**Manuel da Motta Coqueiro,  
fazendeiro do antigo distrito  
de Conceição de Macabu,  
que, neste momento, se  
encontra , entre a vida e  
a morte.**

**Mas, antes disso, Coqueiro  
viveu entre o orgulho e  
o limite das suas ações,  
digamos, levianas.**



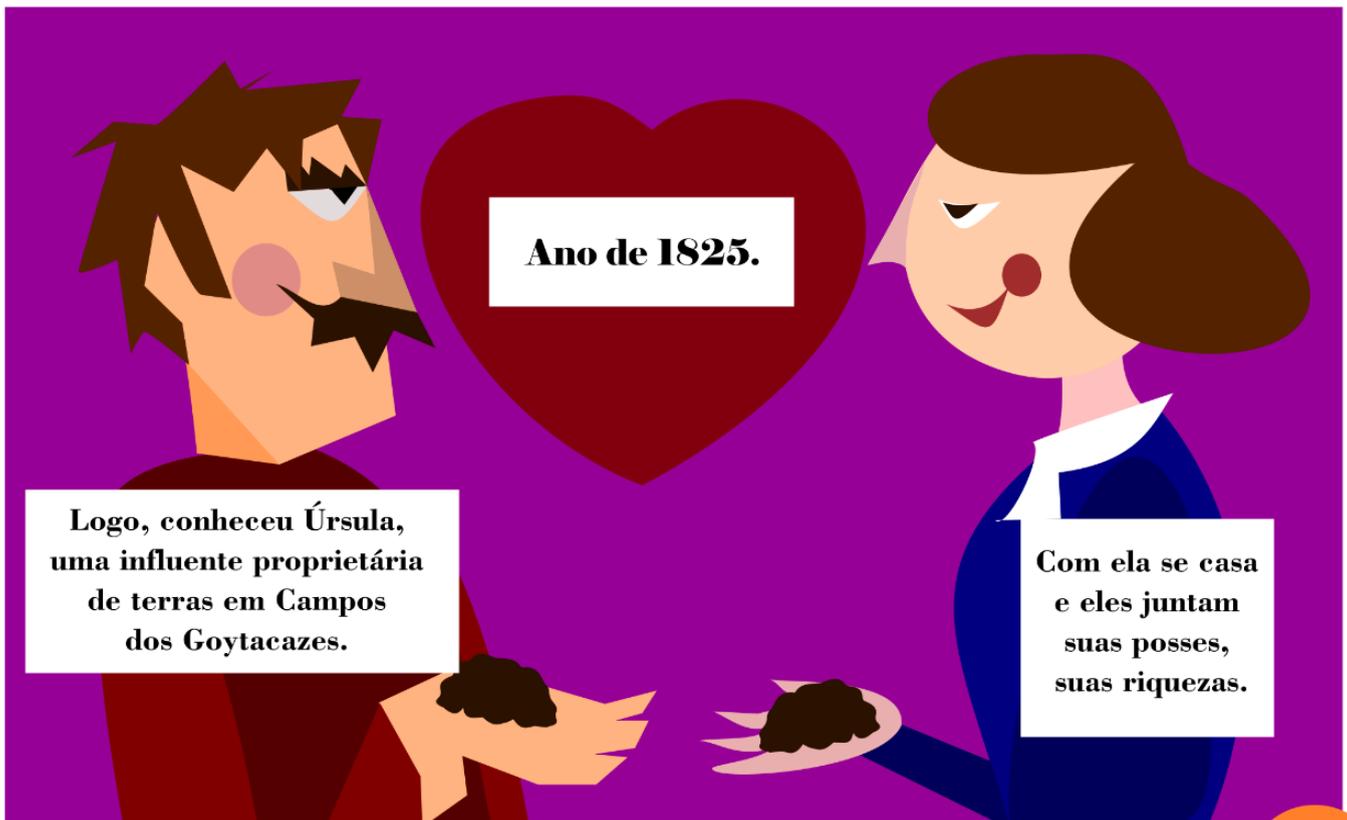


**Ano de 1823.**

Alguns anos após casar-se,  
sua esposa veio a falecer.

"A terra não  
se cobra, com  
a terra,  
se cobre."

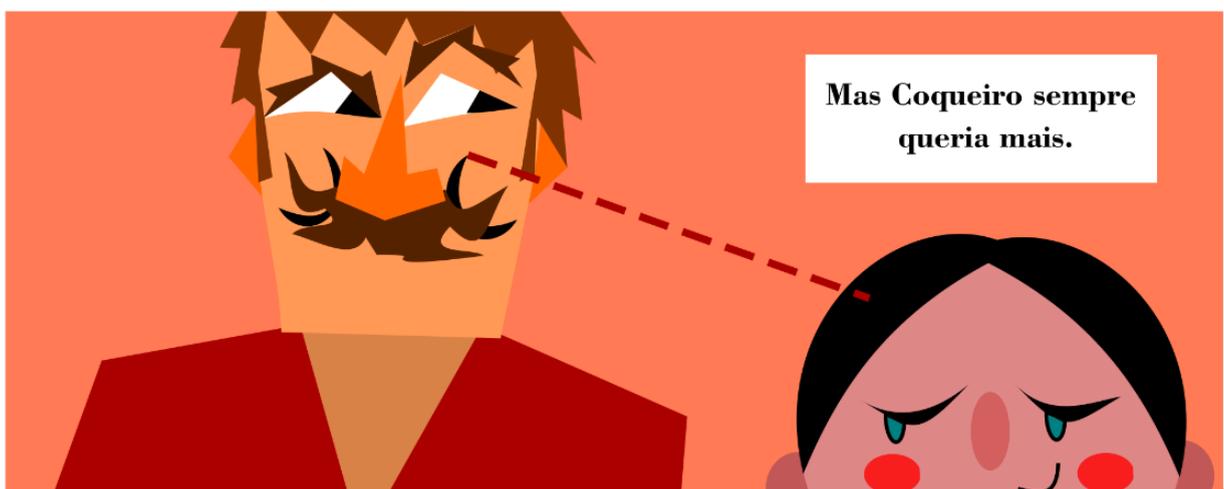
Mas sua história apenas estava começando.



**Ano de 1825.**

Logo, conheceu Úrsula,  
uma influente proprietária  
de terras em Campos  
dos Goytacazes.

Com ela se casa  
e eles juntam  
suas posses,  
suas riquezas.



Coqueiro teve um romance secreto com Francisca, a filha de seu meeiro.

**Ano de 1852.**

Mas essa traição não ficou guardada por muito tempo, pois Francisca ficara grávida de Coqueiro.



Doloroso, inclusive,  
para Coqueiro, que, em  
uma de suas viagens,  
acabou sendo vítima de  
uma tocaia armada por  
Benedito.

TROTA  
TROTA TROTA

O meeiro deu-lhe  
uma surra, sem que  
ninguém pudesse  
socorrê-lo!

An illustration showing a man with a large orange beard and a green headband looking distressed with a tear on his cheek. Behind him, a woman with orange hair is shown in a dark, shadowy room, looking away with a sad expression.

Dias mais tarde,  
numa madrugada,  
o meeiro teve sua casa  
invadida por jagunços  
que o mataram junto  
a mulher.

A casa, em seguida,  
foi incendiada.

An illustration of a woman with long black hair running away from a house at night. The house has smoke rising from it, and the windows are glowing with fire. A large yellow moon is in the dark blue sky. The woman is running on a path, looking back over her shoulder with a tearful expression.

Apenas a jovem Francisca  
conseguiu fugir e, após horas  
de fuga, teve acolhimento em  
uma das fazendas vizinhas,  
de uma família inimiga  
de Coqueiro. .

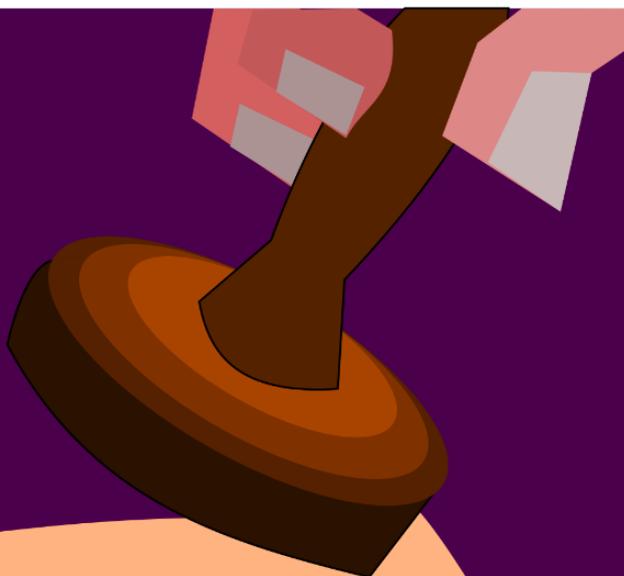
Coqueiro foi a júri, por anos, tendo como principal testemunha de acusação Balbina e os demais escravizados de sua fazenda.

Anos de 1852 e 1953.



**Ano de 1854.**

**Mais tarde, Coqueiro foi  
condenado à forca pela  
morte da família do meeiro.**



*Pena de  
Morte*

**Fala-se que o encaminhamento de  
Coqueiro à forca se deu por causa de seu primo  
Julião, muito influente e poderoso na corte.**



Na noite que precedeu o seu fim, Coqueiro teve sua última visita.

Meu filho, alivie-se na confissão de todos os seus pecados.



De todos os meus pecados, padre?!

Acha que temos tanto tempo assim?

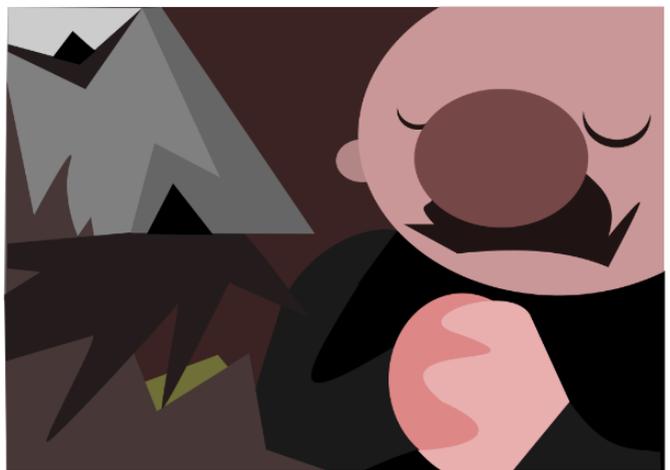


Mas se o senhor tiver...

...posso contar também o que ninguém quis ouvir até agora...



...quem sabe o senhor, padre, e seu Deus, realmente, queiram me ouvir...



Coqueiro, então, contou toda a verdade sobre aquela maldita madrugada. Mas o padre teve que guardar consigo a verdade.

Na manhã seguinte,  
já sobre o patíbulo...



Aonde haviam populares, Coqueiro apenas enxergava seus algozes.

**...MALDITOS!!!!**

**QUE A PARTIR  
DESTE DIA...**

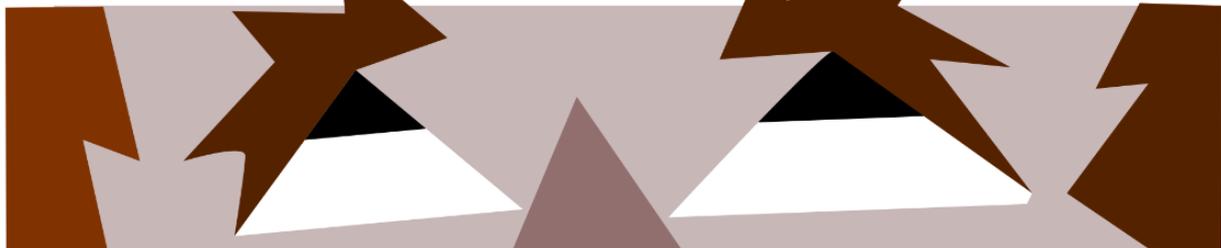
**...MACAHÉ  
NÃO  
PROSPERE...**

**...POR  
100 ANOS!**

**Subitamente, o ranger da corda calou Coqueiro.**

**TERRRRC...**

**Mas , de qualquer forma,  
a praga fora proferida.**



**Depois, o silêncio foi geral.**



**Nesse dia, Coqueiro ficou suspenso  
entre o Céu e a Terra, entre a Vida e  
a Morte de toda sociedade macaense,  
para todo o sempre.**

**Mesmo depois de tanto tempo,  
mesmo tendo-se vencido  
o prazo da maldição,  
este personagem segue  
no imaginário da cidade de Macaé:  
se culpado, Motta, o bicho-papão;  
se inocente, Coqueiro Maldito.**

**Bibliografia:**

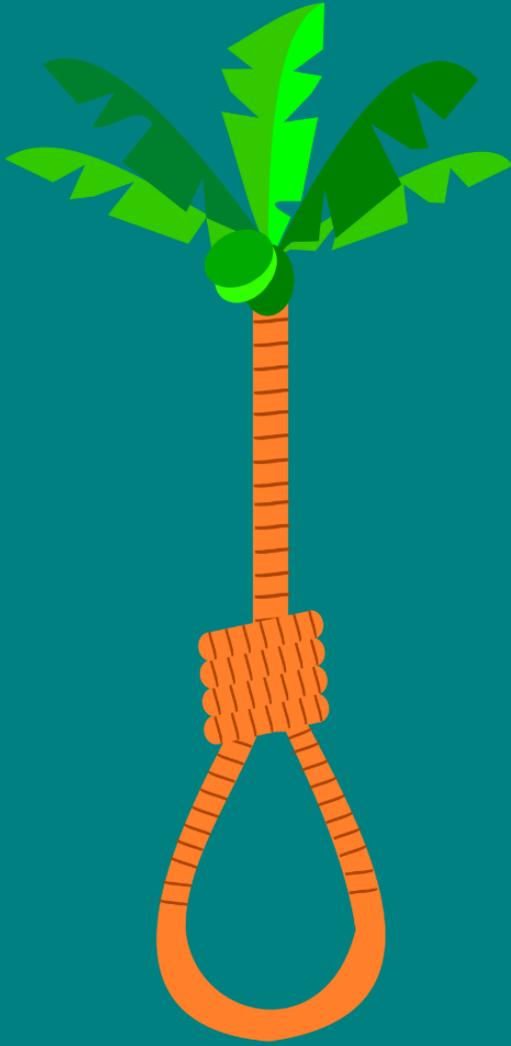
**MARCHI, Carlos. Fera de Macabu, a história e o romance de um condenado à morte. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.**

**PATROCÍNIO, José do. "Mota Coqueiro ou a Pena de Morte". Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/SEEC, 1977. (1ª ed: 1878);**

**VASCONCELOS, Antônio Antão. "Crimes Célebres de Macaé". Macaé (RJ): 1901.**

.





45